



Homilia XIV Domingo do Tempo Comum 5 de julho de 2020

Dom Dario Campos, ofm
Arcebispo Metropolitano

Meus Irmãos e minhas irmãs
Paz e Bem!

Mais uma vez nos reunimos aqui na Catedral de Vitória para Celebrar a Eucaristia, a memória do Senhor Jesus entre nós.

Quero com alegria saudar, acolher e estender a nossa oração e nossa ternura a todos os que nos acompanham pelas Redes sociais de nossa Arquidiocese, bem como, aqueles que nos seguem pela TVE e pela nossa querida Rádio América.

Hoje, com esta celebração, damos início ao mês de conscientização e celebração do Dízimo, pedindo ao Senhor que nos ensine que Ele é o maior e único tesouro de nossas vidas. A fim de que reconheçamos que tudo o que temos e somos é fruto de sua graça, sinal de seu amor sempre presente e fiel. O Dízimo é um sinal de fé, um reconhecimento da graça divina que nos oferece a força do trabalho, a fim de que o fruto de nossas mãos possa ser partilhado com os irmãos e irmãs. Desse modo, hoje rezamos pedindo bênção sobre todos os dizimistas de nossa Arquidiocese, que com confiança e fidelidade depositam seu dízimo, diante do altar do Senhor, compromisso de sua fé e sinal de pertença à Comunidade Eclesial.

Vamos partilhar a Mesa da Palavra.

Nesta Celebração na Primeira Leitura, o profeta Zacarias exulta de alegria por poder apresentar a esperança do Messias futuro, aquele esperado por Israel. Ele o apresenta como sendo Justo, portador da Salvação e Humilde, qualidades reconhecidas nas palavras, gestos e atitudes de Jesus, ao longo de todo o seu ministério público.

O profeta Zacarias afirma que o Messias esperado seria justo, ou seja, capaz de exercer a justiça divina, sendo fiel à sua palavra e sendo capaz de gestos de misericórdia. Ao indicar isso, o profeta confirma a verdade sobre Deus, ao reconhecê-lo como justo, de maneira especial, no fato de salvar o povo que escolheu e elegeu. Desse modo, o Messias deveria ser o portador da justiça divina, ou seja, aquele que confirmaria as promessas divinas, proferidas aos antepassados, garantindo ao povo a salvação. De fato, a justiça bíblica é profunda e rica, pois, revela um dos aspectos essenciais de Deus, isto é, a sua fidelidade à Aliança concluída com o seu povo, mesmo diante dos pecados do mesmo. Sendo assim ao realizar a justiça enviando o Messias Justo, Deus se revela como aquele que se coloca contrário a toda forma de injustiça espalhada em tantos lugares da sociedade.

Sendo a justiça uma atribuição divina e se relacionando diretamente à fidelidade de Deus, à sua Aliança, ela é reconhecida e manifestada nas atitudes e escolhas de Jesus. Pois, durante toda a sua vida pública, Ele, apresentado como Messias portador da justiça divina, confirmou o cuidado de Deus com os pequenos e pobres. E não somente isso, como também, exortava e convidava os seus discípulos a fazerem o mesmo, isto é, viverem e praticarem a justiça. Algo que deve tocar os nossos corações diretamente, provocando em cada um de nós um desejo sincero de conversão, principalmente na direção da vivência dos valores do Evangelho. De fato, irmãos e irmãs, somos chamados a ser verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo, homens e mulheres que têm fome e sede de justiça. Não compactuando com o mal e não nos alegrando com a injustiça e opressão, mas, celebrando e vivendo por meio da verdade da compaixão e da solidariedade. Principalmente com os pequenos e pobres, colocando-nos ao lado e próximos dos que sofrem e são excluídos. Pois, enquanto houver alguém que sofre nessa terra, a nossa voz, como discípulos do Senhor, deverá ser ouvida e nossos gestos deverão proclamar a bondade divina, a verdadeira justiça, a paz e a fraternidade.

O outro elemento encontra-se no fato de que o Messias esperado seria portador da Salvação, aquele que abriria a todos os que ouvissem a sua voz, o caminho para o Pai. De fato, a Salvação é oferecida aos homens, de modo que seja um sinal do cuidado de Deus, algo que se estabelece nos caminhos de sua história, nos momentos de incertezas e, no fim da vida, a acolhida na casa do Pai. Nas palavras do profeta Zacarias, o Messias estabeleceria

um tempo de paz e concórdia, baseado na justiça e fraternidade, tempo de relação baseadas no compromisso e na manutenção da aliança. Um tempo de grande solidariedade e cuidado com os pequenos e pobres, com o pequeno resto de Israel, ou seja, aqueles que colocaram no Senhor a sua confiança.

No relato do Evangelho de Mateus, Jesus louva ao Pai por ter revelado os mistérios do Reino, aos pequenos e pobres, tornando-os participantes da vida divina. De fato, é por meio de Jesus que o Pai será conhecido, ou seja, é Ele aquele que revela o Pai e tudo o que o Pai lhe confiou. Desse modo, todos os que se dirigem a Ele, são inseridos no caminho da salvação e da vida plena, por meio da comunhão com o Pai. De fato, meus irmãos e irmãs, somente por meio de nossa união a Cristo e seguindo os seus passos na intimidade e na comunhão, é que conheceremos o projeto de Deus. De modo a sermos guiados pelo próprio Jesus, que nos indicará por onde devemos seguir e de que modo devemos viver, como verdadeiros sinais de salvação e redenção para o mundo inteiro. Pois, a salvação realizada por meio da Cruz de Cristo, não diz respeito somente à esperança de uma vida futura junto de Deus, mas, aponta também para a construção de seu Reino. Um compromisso de todos nós, discípulos missionários de Jesus Cristo, chamados a assumir, com fé e coragem, o nosso batismo e vivermos, no dia a dia, marcados pela alegria do Evangelho.

O último elemento a ser refletido é a Humildade do Messias, algo que se torna claro nas palavras de Jesus ao afirmar ser manso e humilde de coração. De fato, no final do relato do Evangelho Jesus faz um convite aberto a todos dizendo: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”. De fato, para o evangelista, o caminho apresentado aos discípulos de Jesus e a forma como Ele os ensinava e guiava era completamente diferente dos outros mestres (fariseus e escribas). Já que esses impunham fardos pesados, uma dura disciplina e severos castigos aos seus discípulos, algo que não era visto entre os que seguiam o Senhor. Ao contrário, Ele agia com os seus discípulos e discípulas com mansidão e leveza, paciência e ternura, mesmo diante dos seus maiores erros e dificuldades de entendimento. Uma postura que não somente revelava o amor do Pai, mas, tinha o intuito de educar os seus discípulos, afim de que, também eles, pudessem se tornar portadores da ternura e bondade divinas.

Meus irmãos e minhas irmãs, o verdadeiro discípulo de Cristo deve ingressar na escola do amor fraterno que se aprende por meio da mansidão e humildade de Cristo. Assim como sempre rezamos: “Jesus manso e humilde de coração, fazei o nosso coração semelhante ao vosso”. Uma oração que deve abrir em nossos corações, a porta de um caminho novo, de transformação contínua e de uma sincera conversão. Pois, todos somos chamados a seguir os passos de Jesus, a colocar nossas mãos onde estiveram as suas, a olhar na direção que Ele olhava e a movermos os nossos corações pela mesma compaixão que movia o seu Sagrado Coração.

Desse modo, não somente aprenderemos o caminho da humildade e mansidão, mas, sobretudo seremos sinais de consolo e conforto, sustento e cuidado para todos os que mais precisam e estão bem próximos de nós, em nossas esquinas e no meio de nossas ruas.

Meus irmãos e minhas irmãs, nesta Celebração, a Liturgia da Palavra nos convida a acolhermos o Senhor Jesus, que apresenta como o Messias Justo, aquele que salva e é manso e humilde de coração. Sendo assim, ao nos aproximarmos d’Ele e ao professarmos a nossa fé, cada um de nós, como seus discípulos e discípulas, declaramos que desejamos segui-Lo por toda a nossa vida. Porém, a fim de que isso, verdadeiramente aconteça, precisamos nos empenhar cotidianamente a abraçarmos a Justiça que vem de Deus e os aponta o caminho de um mundo mais justo, fraterno e solidário. Como verdadeiros sinais de salvação principalmente para com os que mais precisam, por meio da ternura, mansidão, compromisso concreto e cuidado.

Por fim, o dizimo que restituímos em nossas Comunidades Eclesiais de Base é sinal de nossa fé, de nosso compromisso com o Senhor, de pertença às nossas Comunidades Eclesiais de base e também sinal do cuidado para com os que mais precisam. De fato, a consagração de nosso dizimo é a expressão concreta de nossa maturidade na fé, nosso compromisso em contribuir com a Igreja em sua missão Evangelizadora e Missionária. A fim de que seja um sinal da presença de Deus justo aos que mais precisam, manifestando o cuidado de Jesus e de cada um de nós como seus discípulos missionários.

Que o Senhor abençoe todos os dizimistas e desperte em todos o desejo de assumir esse verdadeiro compromisso e maturidade da Fé.